



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Disputas de poder na fixação da imagem símbolo: o caso Charlie Hebdo ¹

Power disputes in the fixation of the symbol image: the case Charlie Hebdo

Kellen Guaragni Dalbosco
Ana Paula da Rosa

Palavras-chave: Imagem1; Circulação 2; Atentados3.

A relação do homem com as imagens não é recente, está ligada com sua capacidade imaginativa, criativa, mas também e, essencialmente, com sua necessidade de comunicação, logo de exteriorização do pensamento². Levando-se em conta que desde as escritas pictográficas são encontrados registros de sistemas comunicacionais onde a prática social é “codificada” em imagens, podemos pensar que o fascínio exercido só vem crescendo nas últimas décadas, muito em função do aprimoramento dos dispositivos técnicos e em especial de arranjos disposicionais (BRAGA, 2018) criados socialmente que colocam a imagem como central, não apenas enquanto representação, mas como um elemento provocador de arranjos diversos.

Quando nos referimos a arranjos, recorremos ao termo cunhado por Braga para dar conta de elaborações tentativas, fruto não apenas do uso dos meios, mas de sua

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Esta é segundo Verón (2014) um dos principais aspectos que compõem a percepção da mediatização como um processo semioantropológico, pois está vinculado ao desenvolvimento da capacidade de exteriorização do pensamento, da semiose infinita.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

apropriação efetiva, entendendo que em um “dispositivo que se percebe como interacional, a construção do sistema de relações entre participantes, desde o início de sua elaboração, constitui o próprio problema que solicita estratégias tentativas”. Assim, quando pensamos em imagens dentro de um cenário de mediatização crescente, pensamos em arranjos que se dão via interações, ancorados em imagens e ao mesmo tempo produzindo novas e mais imagens. Trata-se de pensar que não são as tecnologias, como a proliferação das câmeras fotográficas, que explicam a complexidade da relação das imagens e da produção de sentidos. Ao contrário, a significativa oferta de imagens deriva, cada vez mais, em um crescente trabalho de fixação das mesmas imagens, ainda que reelaboradas, reinterpretadas, transformadas, acrescidas de uma característica fantasmática. Ou seja, as imagens estão em circulação e integram arranjos que possuem lógicas e estratégias próprias. Interessa compreender de que lógicas estamos falando quando nos deparamos com imagens cujo sentido está em constante disputa? E como se dá a atribuição de valor (fixação de simbólica) quando são perceptíveis lógicas de dilatação semiótica em termos de tempo e espaço?

Tais questões nos provocam a abordar a imagem jornalística pelo prisma da mediatização, portanto, de um lugar outro que não é o espaço dos meios de comunicação simplesmente, ou da mídia, mas o espaço dilatado no tempo onde uma imagem pode traduzir um acontecimento, ser o próprio acontecimento ou ainda uma estratégia para evocar imagens anteriores que já estão profundamente instaladas no imaginário social. Além disso, verifica-se uma propensão do jornalismo, nosso objeto, de transferir à imagem (gráfica, artística ou fotográfica) um caráter metafórico, baseado na recuperação da ideia da imagem-documento, presente no senso comum e no ideário do fotojornalismo. Ou seja, recupera-se a ideia da imagem enquanto documento, explicação para fatos, mesmo quando estes são frutos de uma produção imagética posterior que se dá, portanto, na distância. Dito de outra forma, o jornalismo, em especial o de coberturas de guerras e atentados terroristas se sustenta



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

em imagens que se aproximam do documento, a exemplo do registro de vítimas ou dos cercos policiais, mas que aderem a operação da metáfora ao simbolizar não um atentado, mas disputas de poder em jogo, em especial poder simbólico (BOURDIEU, 2011)

Neste sentido, é preciso tentar compreender o lugar do jornalismo hoje, uma vez que este está imerso em tensões, pois já não detém mais o controle pleno da informação, como se poderia verificar na sociedade dos meios. Diante da mediatização e do atravessamento social de práticas, táticas e operações de comunicação, o ator social vai adquirindo um papel importante não apenas na circularidade das imagens, mas em sua efetiva circulação. Ele também ingressa na cena do embate simbólico, na tentativa de atribuir valor a determinadas imagens. Assim, tanto atores sociais como instituições midiáticas possuem condições de atribuir valor às imagens e aos fatos a que se reportam, no entanto, apenas algumas adquirem as condições de permanência e fixação no imaginário coletivo e social. Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir que imagens e sentidos circulam sobre os atentado terroristas no Brasil tomando como recorte o atentado ao satírico Charlie Hebdo (2015), que tem dois elementos recentes importantes: 1) a sua rememoração em função dos 3 anos do ocorrido em 2018 e 2) um documentário publicado pela Netflix em 2016 sobre o contexto da ação.

Destaca-se que esta proposta é parte dos estudos, ainda em fase de desenvolvimento, de coleta de dados empíricos realizadas no âmbito da Iniciação Científica, do projeto de Cooperação Brasil- Argentina, intitulado “Circulação das Imagens: permanências, esvaecimentos e novos modos de partilha do visível” contemplado no edital Universal 2016, sob a coordenação da prof. Dr. Ana Paula da Rosa. O objetivo principal da pesquisa é investigar como ocorre o processo de novos fenômenos de circulação das imagens jornalísticas na perspectiva da mediatização sobre três aspectos: a) a circulação intermediária; b) os dispositivos e c) a fixação de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

crenças ou símbolos num cenário de expansão semiótica ou de dilatação dos espaços e tempos. Para isso será preciso comparar cenários culturais distintos, caso do Brasil e da Argentina com os originários dos acontecimentos. A partir disso, este artigo está centrado no mergulho no objeto empírico Charlie Hebdo, na tentativa de configurar um caso midiaticado de pesquisa que dê conta de evidenciar operações tanto de instituições jornalísticas como de atores sociais quanto à circulação de imagens, pois como afirma Didi Huberman (1998) a imagem olha para quem a está olhando.

O caso em construção

Este artigo, portanto, está centrado no aspecto mais exploratório do empírico que está sendo configurado, metodologicamente, como estudo de caso. Dentro da pesquisa em curso estão sendo abordados três casos distintos (Charlie Hebdo, Bataclan e Manchester), mas que configuram um estudo de caso único, ainda que a partir de múltiplas materialidades de observação. Entendemos, deste modo, que é preciso levar em conta as especificidades de cada atentado para depois inferir sobre suas semelhanças e analogias. O nosso foco está no atentado ao jornal Charlie Hebdo (2015) que resultou em 12 mortos e 11 feridos, sendo três imagens bastante emblemáticas: 1) um vídeo que mostra os atiradores executando um policial e fugindo, em seguida, provavelmente feito por alguém que passava pelo local; 2) a foto da redação do jornal logo após a retirada dos corpos (figura 01) e 3) as imagens de manifestações, vigílias em diversos países e charges com a frase “Je Sui Charlie” amplamente veiculadas nas redes sociais.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Figura 01 – Fotografia da redação do jornal um dia depois do atentado



Fonte: Jornal Le Monde

O ataque aflorou ainda mais as discussões sobre imigração e a integração da comunidade muçulmana na França. Após a ação, a extrema direita, contrária à imigração, alcançou resultados expressivos nas eleições, inclusive com Emanuel Macron em 2017 que tem adotado políticas duras para os imigrantes africanos e muçulmanos, inclusive com a destruição de acampamentos de refugiados. O fato de franceses com ascendência árabe terem praticado ataques terroristas em seu próprio país serviu como estopim para discursos de ódio e perseguições tanto nas ruas como online.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Imagens e redes sociais

As imagens utilizadas para compor a narrativa do ataque em 2015 merecem uma análise especial, seja pela falta daquelas que representem, de fato, a morte, ou seja pelo fazer amador que ganhou destaque na imprensa mundial. Um frame de um vídeo feito por um morador das redondezas da sede do jornal satírico mostrava os atiradores mascarados executando um policial e entrando em um veículo preto ainda portando seus fuzis. A imagem foi amplamente divulgada e estampou capas de jornais como a da Folha de São Paulo.

Quando fala-se sobre imagens que não representem a morte, refere-se aqui a fotografias icônicas como às presentes em demais atentados terroristas, como do World Trade Center - Torres Gêmeas - em 11 de setembro. Naquela ocasião, imagens de pessoas pulando de janelas e às dos próprios aviões chocando-se com os prédios marcaram o imaginário do atentado e tornaram-se memória acionada quando o assunto é revisitado. No caso do jornal Charlie Hebdo não houveram imagens de corpos ou vítimas, somente cordões de isolamento e a fachada da sede. No dia seguinte à tragédia a única imagem do interior do local foi publicada pelo jornal francês Le Monde. Na fotografia um caminho de sangue feito com pegadas juntamente com o caos de folhas espalhadas pelo corredor da redação sugerem o roteiro do ataque e convida o leitor a percorrê-lo.

A demais, às imagens que ganharam destaque nos jornais pelo mundo foram às das manifestações que tomaram às ruas de Paris na época. Com o slogan “Je suis Charlie”, cerca de 4 milhões de pessoas saíram às ruas na cidade do atentado para



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

demonstrar solidariedade às vítimas e pedir justiça pelo ocorrido. No dia 9 de janeiro a Folha de São Paulo dividiu sua capa em duas, dando maior destaque na parte superior dela à uma imagem da Torre Eiffel, símbolo de Paris, e as manifestações que ocorriam ao seu redor. Ao lado, uma manchete que sugere que a rede terrorista Al Qaeda haveria treinado os terroristas para o ataque. Diferente do dia anterior, que dedicou todo o conteúdo da capa, com exceção das notas no canto inferior do jornal, ao atentado, onde o frame do vídeo havia sido usado e dividia o espaço com a imagem de um manifestante que segurava um cartaz com os dizeres “Je suis Charlie”.

Além dos veículos impressos e digitais pelo mundo, as redes sociais digitais foram um meio propagador de imagens e informações sobre o atentado. Na mesma velocidade em que os protestos se organizavam nas ruas, *tags e hashtags* com os dizeres #jesuischarlie movimentavam plataformas como de interação digital como o *Twitter*³. A frase, no entanto, foi sendo modificada ao longo dos anos e já foi utilizada como forma de lembrar de outros atentados como o ocorrido em Orlando em 2016 quando um atirador invadiu um clube gay e matou 50 pessoas. Nesta ocasião a hashtag #jesuisorlando foi amplamente compartilhada. Foi no Twitter também que o vídeo dos atiradores executando um policial foi compartilhado inicialmente. O fato marca a interação entre os agentes sociais, que passam a ocupar um papel de agentes noticiosos ao compartilharem o acontecimento, portanto, atores sociais que assumem para si operações de produção com vistas a sua circulação. O que se sucedeu também, foi a apropriação dos veículos de imprensa, como a Folha de São Paulo, de um conteúdo feito por amadores e que passou a integrar as páginas de veículos, também, tradicionais da imprensa mundial. Tal processualidade dá conta do que Rosa (2016) chama de fagias

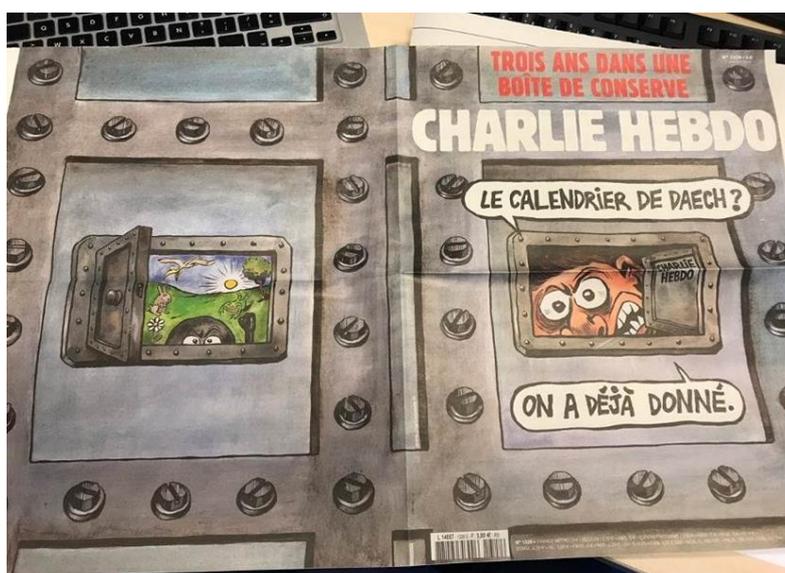
³ Rede social digital caracterizada pelo envio de mensagens curtas com até 280 caracteres



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

midiáticas⁴ a partir de movimentos de fagia social. Isto implica dizer, que o atentado Charlie Hebdo é ainda uma presença. Ele se presentifica na rememoração a cada ano do ocorrido, tendo a capa da publicação de 2018 (figura 2) como um marco referente aos 3 anos e ao caráter fantasmático, de idas e vindas do terror que parece se fixar enquanto símbolo.

Figura 02 – Capa e contracapa da publicação de 2018 vivendo em uma lata de conserva durante 3 anos.



Fonte: Charlie Hebdo 2018

⁴ A autora entende que fagia midiática é aquela que se caracteriza pelo fazer da mídia que consome elaborações de atores sociais, aplicando seus enquadres. Já a fagia social é aquela marcada pela devoração dos atores que passam a produzir materiais imagéticos e dispô-los em circulação.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A presença é sentida também quando o atentado se torna referência, autonomizada, para outros atentados posteriores como é o caso de Orlando, em especial nas redes. Verifica-se a existência de um modo singular de circular as imagens deste caso: são cada vez mais imagens metafóricas e políticas, muitos vídeos de atores sociais que referendam e reforçam os valores jornalísticos trazido à época do acontecimento e uma ação, tanto de atores como de instituições sociais, via twitter, de interligação dos atentados pelo mundo, amplificando o aspecto de enredamento e, portanto, de acirramento de sentidos em circulação. A imagem totêmica do Charlie Hebdo parece ser cada vez menos representação e mais um esforço de simbolização, de uma crise migratória que continua em curso. Por se tratar de um trabalho em andamento, esse precisa avançar em termos teóricos e metodológicos, mas já se apontam indícios importantes para a compreensão não só das imagens em circulação, mas do próprio jornalismo em tensão.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a comunicação. In: Anais do XXVII Encontro Anual da Compos. Disponível em http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_TUYEGGUY90CM_V19NHPB9_27_6300_08_02_2018_10_58_00.pdf (acesso em 05/02/2018)
- BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus campus*. IN: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda (orgs) **Mediação & mediatização**. Salvador: EDUFBA: Brasília, Compós, 2012.
- DIDI- HUBERMAN. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998
- FERREIRA, Jairo. **Um caso sobre a mediatização**: caminhos, contágios e armações da notícia. In: *Mediatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.
- AUTOR. **Imagens- Totens**: a fixação de símbolos nos processos de



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

midiatização. São Leopoldo: Unisinos, 2012 (Tese de doutorado) disponível em <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000003/0000033A.pdf> (acesso em 20/07/18)

AUTOR. De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: **Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos**: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y de los medios en red. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2016.

VERON, ELISEO. Teoria da Midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**. Vol. 8.n.1.ECA-USP, São Paulo: 2014. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/1430/143031143002/index.html>